

diz que eles viram a luz mas não ouviram a voz. — M. R.

A aparente contradição explica-se pelo fato de a palavra grega *phonê*, traduzida por "voz", também significar "som" ou "ruído". Pode referir-se ao som do vento (S. João 3:8), ao som da água (Apoc. 1:15), ao som de instrumentos musicais (I Cor. 14:8), ao som de asas de carros (Apoc. 9:9), etc. Em todas essas passagens a palavra é a mesma: *phonê*. Aos homens que estavam com Paulo a voz, ou som, era sem sentido. Paulo tanto ouviu como entendeu. Uma experiência semelhante nos é relatada em S. João 12:28, 29. Para as pessoas próximas de Jesus, a voz celestial era um som sem sentido, ao ponto de pensarem ser um trovão.

A construção gramatical da sentença grega (língua original do Novo Testamento), apóia plenamente o entendimento do que aconteceu no incidente paulino. A palavra traduzida por "ouvir" pode ser seguida do caso genitivo ou acusativo. Com o genitivo, como ocorre em Atos 9:7, indica a origem da voz ou som. Com o acusativo, como ocorre em Atos 22:9, indica o significado. Portanto, quando Paulo diz que os homens que estavam com ele "não ouviram a voz d'Aquele que falava comigo", o sentido é que não entenderam o que foi dito.

Em Atos 9 relata-se que Paulo caiu por terra enquanto seus companheiros permaneciam de pé (versículos 4, 7). No capítulo 26:14 Paulo declara que todos os que o acompanhavam caíram por terra. Na última passagem ele narra o que aconteceu logo depois que ele próprio caiu por terra.

Como se vê, o estudo das línguas originais da Bíblia é importante para resolver muitos problemas textuais. Este é um deles.

ERA PAULO DEFRAUDADOR?

Paulo afirma em I Cor. 11:8 que havia despojado igrejas. Como se deve entender isto? — L. C.

O texto reza assim: "Despojei outras igrejas, recebendo salário para vos poder servir". Isto não deve ser tomado ao pé da letra, da maneira como fica a tradução em português. Se houvesse realmente um sentido de "roubo", "furto", "expolição", então o apóstolo teria transgredido a lei de Deus, e estaria em contradição consigo mesmo quando declarou: "A ninguém defraudamos" (II Cor. 7:2). Paulo era extremamente escrupuloso para não ser pesado às igrejas e aos irmãos. Chegou a fabricar tendas para prover o próprio sustento. A igreja de Corinto era problemática em tudo, até nos fundos para sustentação de obreiros. Enquanto esteve a serviço dos coríntios, parece que nada recebia deles, e se mantinha ainda com recursos enviados por outras igrejas. É verdade que

o verbo grego *sulô* (aqui empregado na primeira pessoa singular do aoristo, esulesa) é forte e significa "apossar-se", "despojar", "esbulhar", "roubar", mas, sem dúvida, Paulo o emprega por ironia, como se dissesse: "para receber salário para o meu ministério junto de vocês, vejam bem, estou "espoliando" outras igrejas. Será que vocês não desconfiam?" Diz o comentarista Lange que Paulo empregou o verbo *espoliar* para mexer nos brios dos coríntios, para contrastar a falta de liberalidade deles com a liberalidade das outras igrejas.

JUSTIFICAÇÃO E SANTIFICAÇÃO

Que relação existe entre justificação e santificação? — C. S.

Denominamos "justiça imputada" o perdão que Deus nos concede em virtude de nossa aceitação de Cristo pela fé; e "justiça comunicada" ao poder que Cristo nos comunica para vencermos o pecado, ao longo de nossa carreira cristã. Isto também é santificação. Sobre a relação entre justificação e santificação, reproduzimos os seguintes tópicos do teólogo Desmond Ford: "A santificação é o resultado inevitável da justificação. Deus não justifica ninguém a quem Ele não possa santificar. Seria inútil perdoar o rebelde e deixá-lo ainda a combater contra seu rei, ou declarar limpo o leproso, e deixar que se lhe desenvolva a putrefação do corpo. Deus não apenas lida com a torrente da poluição do pecado, mas também com sua fonte. A santificação, entretanto, pelo seu próprio propósito, logrará aceitação da parte de Deus. Esta só virá daquilo que Cristo realizou por nós no Calvário. O desenvolvimento do caráter não é um crescimento para obter-se a graça, mas um crescimento em graça. Como resultado do sentido do amor de Deus por nós, conseguimos progresso efetivo na reforma de nossa vida. O mais profundo significado da santificação, porém, não é acima de tudo ético, mas de relação com o Céu. O aprofundamento da experiência cristã caracteriza-se pela crescente humildade, desconfiança em si mesmo, espírito de oração, e amor a Deus e ao próximo. Isto constitui muito mais do que apenas ética".

CRISTO E AS TENTAÇÕES DA CARNE

Ouçó dizer que Cristo foi tentado em todas as coisas. Foi mesmo? Foi tentado a fumar, usar drogas? Em cidades onde viveu teve de ver vitrinas com fotos eróticas? Teve a tentação da riqueza? Como se pode, então, dizer que Ele foi tentado "em todas as coisas"? — V. B. O.

O consulente, em sua carta, declara-se jovem que vive num contexto social

em que Cristo não viveu. Diz ser adventista "do curso livre". É pena, porque quando vierem as provas finais (e estão bem próximas), os tais do "curso livre" não sabemos como se arranjaram. Vamos, porém, à resposta. É fora de dúvida que hoje vivemos numa época de explosão erótica e de consumo de drogas que entorpecem e imbecilizam os viciados. E o consulente impressiona-se com isto. Diz o evangelista S. Marcos (1:12, 13) que Jesus esteve 40 dias no deserto, sendo tentado por Satanás. Nós recebemos investidas do maligno, mas não ininterruptamente durante 40 dias, agredidos com a artilharia pesada do inimigo. Dizem alguns que a fome força uma pessoa a roubar. Cristo estava extremamente faminto, mas não roubou, mesmo sob a insinuação de que podia transformar as pedras em pães. Dizem outros que uma sede constante e intensa pode levar a pessoa a ingerir bebidas alcoólicas. Cristo estava sedento, mas jamais se intoxicou com bebidas. Afirmam ainda alguns (e até pretensos cientistas) que a solidão justifica a fornicação ou mesmo outros processos de satisfação sexual. Dizem ainda que a pobreza gera a tentação da riqueza e, para obtê-la, o homem lança mão de processos inescrupulosos. Entretanto — convém reafirmar — Cristo conheceu a fome, a sede, a solidão e a pobreza, e venceu-as galhardamente.

Não podemos enumerar as múltiplas tentações impostas a Cristo e todas vencidas por Ele nos 40 dias em que esteve no deserto, mas o evangelista S. Lucas nos diz (4:13): "Passadas que foram as tentações de toda sorte, apartou-se dele o diabo, até momento oportuno". Essa "toda sorte" pode incluir tremendos apelos carniais, ou tentações que ninguém ainda teve de enfrentar. Pode o consulente estar certo de que se as drogas, o fumo e o sexo constituíssem as mais fortes tentações, Satanás as teria empregado também naquela ocasião. Dizer que Jesus não conheceu riquezas é uma falsa afirmação. Leia Filip. 2:5-8. Cristo deixou Suas riquezas inenarráveis e Sua glória para assumir a forma de servo. Coisa paradoxal: as cidades e vilarejos da Judéia e da Galiléia viram o Rei do Céu e da Terra andando pelas ruas poeirentas, com os pobres e miseráveis. No livro *O Desejado*, lemos: "Cristo Se tornou o alvo de todas as armas do inferno (...) As sedutoras sugestões a que Cristo resistiu, foram as mesmas que tão difícil achamos vencer (...) Não temos que suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido" — pp. 81, 82. "Jamais outro nascido de mulher foi tão terrivelmente assediado pela tentação" — Educação, p. 78.

Por aí o caro consulente fica sabendo que Cristo foi realmente tentado em coisas muito piores do que as que enfrentamos. Mas para sermos vencedores, não podemos ser adventistas "do curso livre". Impõe-se uma reconsagração imediata que nos ligue à fonte de todo o poder capaz de vencer as tentações.